

CRUZANDO, CONSTRUINDO E ATENUANDO FRONTEIRAS: IDENTIDADES, FORMAÇÃO DO ESTADO E O FIM DA IRLANDA GAÉLICA

Eoin Ó NÉILL*

Pesquisador Independente
[eoneill@oi.com.br](mailto:eoineill@oi.com.br)

Resumo:

Minha pesquisa se concentra no final da Irlanda Gaélica, (1590 – 1650). Este período testemunhou a derrota política e militar dos senhorios gaélicos autônomos, que abriu o caminho para a reconstrução, muitas vezes selvagem, da sociedade irlandesa, bem como para a destruição da Irlanda Gaélica. Embora a cultura gaélica tenha sido capaz de incorporar e acomodar invasores anteriores, no século XVII isso não ocorreu. Além disso, os grupos de identidade étnica Antigos Ingleses e Irlandeses Gaélicos fundiram-se - não sem muitas dificuldades - em uma nova identidade (católica) irlandesa, a qual, por vezes, foi contrastada com a nova identidade confessional inglesa protestante, que estava surgindo. Ao mesmo tempo, em meio aos destroços dos senhorios irlandeses autônomos, um novo Estado centralizado e colonial foi construído. O fim da Irlanda Gaélica não foi um processo unilinear. Ao invés disso, tratou-se de algo extremamente complexo e dinâmico. Esta é, possivelmente, a lição mais importante da minha pesquisa para os Estudos Célticos: as sociedades - não importa o quão retratadas como tradicionais ou primitivas - têm caráter múltiplo, complexo, e estão em constante mutação, repletas de atores sociais que constantemente cruzam e ofuscam as muitas fronteiras artificiais construídas para eles na academia.

Palavras-Chave: Irlanda Gaélica; Guerra dos Nove Anos; Identidades e Formação do Estado

* O autor tem mestrado e doutorado em Sociologia pelo IUPERJ e pós-doutorado em História pela UFF.

O Crepúsculo do Mundo Gaélico

Primeiramente, para começar a tratar desse tema, eu gostaria de fazer um breve esclarecimento sobre a palavra *Celta*. Embora seja utilizada com frequência para descrever os habitantes de grande parte da Irlanda e da Escócia, uma terminologia mais adequada seria *gaélico*, já que era assim que estes se autodefiniam. *Celta* é, na verdade, uma palavra bastante a-histórica. Isso porque tal termo nunca foi utilizado pelos povos celtas por si mesmo – e, até certo ponto, é uma invenção, aplicada aos povos gaélicos uma vez que o seu poder político e militar foram destruídos e a sua cultura fora extremamente enfraquecida. Mais tarde, o termo seria aplicado (igualmente de forma problemática) aos galeses, aos cornish e aos bretões. Além disso, é interessante que nós notemos que, ao contrário do que me foi ensinado na escola, que os celtas da Irlanda e da Grã-Bretanha teriam vindo da Europa Central, as lendas dos povos gaélicos afirmavam que eles teriam vindo para a Irlanda pela Espanha – de fato eles até mesmo utilizaram tal argumento para justificar a ajuda espanhola no final do século XVI. Sendo assim, nesse trabalho, meu foco estará no olhar para o fim do universo gaélico e na sua substituição para os ‘irlandeses’ e ‘escoceses’ – fazendo, ao final, algumas observações sobre como, depois do eclipse dessas culturas, a concepção de *Celta* iria vagarosamente emergir. Ainda, estarei focado na Irlanda, fazendo algumas referências à Escócia. Não pretendo, contudo, me voltar aos outros países ditos celtas.

Desde o início do período medieval até o século XVII, existia um universo gaélico, um *Gaeltacht*, que se estendia pela Irlanda e pela Escócia.¹ Dessa forma, montou-se dois reinos, que provaram ser muito resistentes aos esforços de Londres e de Edimburgo para exercer controle sobre eles. Os infames Estatutos de Kilkenny são um exemplo de uma (das muitas) tentativas falhas de subjugar as áreas gaélicas. Houve uma grande interação entre os gaélicos da Irlanda e da Escócia, como, por exemplo, o casamento entre os *septs* (uma palavra melhor do que clã) do Ulster e das Highlands ocidentais. Das Highlands também veio os *Galloglass*, soldados mercenários que, entre os séculos XIV e XVI, formaram a espinha dorsal dos exércitos gaélicos na Irlanda, mais especialmente em Ulster. Para além de outras ligações mais mundanas, como atividades comerciais ou culturais, o fato é que os *Gaeltacht* existiram em dois Estados diferentes, o que significava que aquele que tinha problema em um dos países, poderia encontrar refúgio no outro.

Politicamente desunido, mas culturalmente próximo, este universo gaélico mostrava-se muito ativo, em particular a Irlanda, na assimilação de recém-chegados, como vikings e normandos. O caso do ‘Old English’, os descendentes dos invasores Anglo-Normandos sendo o mais conhecido. Muitos desses se tornaram, como na conhecida frase, “mais irlandês que os próprios irlandeses”, notadamente os Burkes (originalmente de Burgo ou de Burca em Irlandês). A assimilação gaélica e a resistência ao domínio Inglês eram tão fortes que no começo do século XVI, a coroa inglesa só governou uma pequena parte da Irlanda, localizada na costa oeste, e chamada de Pale. O resto do país era dominado por gaélicos ou por antigos *lordes* ingleses (muitos dos quais eram considerados *Gaelicised*), os quais tiveram uma autonomia considerável. O advento dos Tudors, e de Elizabeth em particular, mudaria bastante esse cenário. Sob Elizabeth, a Irlanda foi dilacerada por muitas guerras, culminando na Guerra dos Nove Anos (1594-1603), em que Elizabeth teve de encarar a sua guerra mais difícil, contra a confederação gaélica de Hugh O’Neill. Depois de muitas derrotas e com um

¹ ELLIS, S. *Tudor Frontiers and Noble Power: The Making of the British State*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

custo financeiro e humano muito grande, os Ingleses foram finalmente vitoriosos. A derrota da confederação gaélica em 1603 implicou no rompimento deste universo gaélico e em última análise na destruição do sistema político gaélico.

No artigo, lidarei inicialmente com alguns aspectos fortes do universo gaélico, seu dinamismo e os valores associados à soberania e ao poder político dos lordes. Após. Deter-me-ei na Guerra dos Nove Anos. Finalmente, tratarei de algumas das ramificações associadas ao fim do universo gaélico, com destaque para o florescimento acadêmico e da cultura gaélicos no início do século XVII, que levou ao cunhar do termo gaélico para se referir aos irlandeses e a uma separação nas identidades irlandesa e escocesa. Um de seus corolários foi a redescoberta do universo gaélico, agora denominado celta, embora apenas várias décadas após sua destruição e uma vez que o que restara houvera sido devidamente marginalizado.

O Universo Gaélico no Final do Século XVI

Apesar de ser menosprezado e rejeitado como bárbaro e selvagem por centenas de anos, a cultura gaélica provou ser extremamente resistente, assimiladora e sedutora. Os vikings e os normandos foram absorvidos pela cultura gaélica - e, como demonstrado na *Foras Feasa* de Keating, eram também 'enquadrados' dentro da visão de mundo gaélico, mais notadamente no chamado *Livro das Invasões*. No entanto, mesmo entre os colonos Tudor e Elizabetanos, há muitos exemplos de 'sedução:' o infame capitão Thomas Lee, e o mais próximo conselheiro de Hugh O'Neill, Henry Hovenden, são apenas dois exemplos. Henry Hovenden², de uma família de Novos Ingleses, embora católica, tornou-se um dos confidentes mais próximos de O'Neill durante a Guerra dos Nove Anos, acompanhando-o no exílio em 1607. Lee era um importante soldado Inglês, um intrometido na política, que foi executado depois de se envolver no golpe de Essex em 1601. Além disso, Capitão Lee se fez retratar em trajes gaélicos e se casou com uma mulher irlandesa.³

Acredito que é necessário enfatizar que nem a Gaélica Irlanda ou Escócia foram sociedades 'primitivas' ou 'tradicionais' que, de alguma forma conseguiram permanecer inalteradas desde os tempos clássicos -, nem devem ser vistas como o fim de uma imutável tradição que remonta o saque celta de Roma, ou ainda mais. Nenhuma sociedade pode existir sem sofrer mudanças - não importa o quanto isso é uma tentativa de disfarçar essas mudanças, ou quão 'tradicional' ou 'atemporal' isso pode apresentar-se. A sociedade gaélica era tão complexa quanto qualquer sociedade europeia da época. Embora possa ter sido economicamente subdesenvolvidos em relação a certas regiões da Europa, isso não significa que se era uma sociedade 'primitiva'. Todos os Estados europeus na época possuíam regiões periféricas com diferentes estruturas sociais e econômicas. A sociedade gaélica na Irlanda e na Escócia foi radicalmente transformada no início da Era Moderna durante uma época de derrotas políticas, militares e econômicas. Agora esta já não existe mais, o que lhe dá uma espécie de aparência exótica, quase como se fosse uma sociedade estranha, uma sobra da Idade das Trevas que de alguma forma conseguiu sobreviver nas remotas ilhas norte-ocidentais da Europa. Na minha opinião, essa visão é equivocada. Nos anos 1590s, a cultura gaélica foi uma das muitas culturas na Europa, e, como as demais, ela foi mudando, se desenvolvendo, e até mesmo se

² Apesar de ter tido um papel importante na guerra, como principal conselheiro de O'Neill, e de tê-lo posteriormente acompanhado no exílio, Hovenden foi ignorado pela historiografia.

³ Sobre Lee, ver: MORGAN, H. Tom Lee: The Posing Peacemaker. In: *Representing Ireland: Literature and the Origins of conflict, 1534-1600*, 1993, p. 132-65; e MYERS J. Murdering Heart... Murdering Hand: Captain Thomas Lee of Ireland, Elizabethan Assassin. *The Sixteenth Century Journal*, 1991, p. 47-60.

‘modernizando’. Ulster gaélico era diferente de Londres, mas também o era o norte da Inglaterra, especialmente as regiões ‘upland’, como Steven Ellis apontou.⁴ A sociedade gaélica deve, portanto, ser vista como menos exótica, apenas como uma das muitas formas sociais e culturais que existiram no início do período moderno - que eram muito vivos, desenvolvidos e ofereciam perspectivas alternativas para àquelas que mais tarde se tornaram dominantes. No entanto, até hoje, ainda persiste entre alguns escritores um equívoco que a sociedade gaélica durante a Guerra dos Nove Anos era de alguma forma o mesmo que na época do lendário rei, Niall of the Nine Hostages, ou até mesmo antes. Isso acontece, muitas vezes, devido a um mal-entendido, ou um equívoco de como as fontes que eram críticas da sociedade gaélica, rotulando-a como bárbara, foram utilizadas e reutilizadas, por vezes, muito depois que elas foram escritas. O exemplo mais notável é o uso por elizabetanos de trabalhos de Giraldus Cambrensis desenvolvidos no século XII.⁵

O mundo gaélico, apesar de sua diferença e de ser ‘subdesenvolvido’ em muitos aspectos, não era um mundo inflexível por uma tradição imortal, que remonta nas ‘brumas do tempo’ (mesmo porque este era um tropo político-cultural importante no meio intelectual gaélico). Pelo contrário, o mundo gaélico era dinâmico e flexível. Na década de 1590, ele foi mudando rapidamente devido a pressões e influências não só externas, mas também internas, com Hugh O’Neill sendo influência óbvia - mas não o único exemplo de uma ‘modernização’ da líder. Um dos pontos fortes da sociedade gaélica foi esse grande dinamismo, sua capacidade de mudar e se desenvolver e, ao mesmo tempo, mostrar-se como imutável - como se qualquer cultura pudesse resistir centenas de anos sem mudar. A sociedade gaélica, como qualquer outro, mudou e evoluiu. Seu desenvolvimento seguiu um caminho diferente do que é agora visto como a norma para a Europa Ocidental. Apesar de ter sido condenado por muitos ingleses como bárbara, em muitos aspectos foi notavelmente pós-moderna.

Isso é mais notável em relação ao poder e à soberania. A visão gaélica foi muito refrescante, especialmente em comparação com todos os chavões filosóficos e teóricos comuns demais. A noção gaélica de poder não era de algo sagrado. Era bem mais concreta, de fato, de certa forma bastante próxima da de Maquiavel. O poder pertencia aos que o detinham; era temporário e envolvia deveres, em especial o de proteção. Se um soberano, um senhor, não podia garantir a proteção aos seus subordinados, estes poderiam mudar o foco da sua fidelidade, e ele ou ela iriam perder o poder. Da mesma forma, a idéia gaélica de honra foi muito diferente da honra de inspiração clássica dos oficiais ingleses. Era muito mais flexível e realista. Os oficiais elizabetanos esbravejaram que os exércitos gaélicos não iriam combatê-los, ou se aproveitar do terreno, chamando os soldados gaélicos de covardes e desonrosos, mas entenderam a cultura da qual eles deveriam ser civilizadores de maneira completamente equivocada.⁶

Irlanda Gaélica não estava completamente isolada da Europa, e, mais importante ainda, das idéias e ideologias que foram surgindo no continente. Pelo contrário, houve um contato considerável. Isso ficou evidente no comércio, as antigas cidades inglesas no sul da Irlanda negociando diretamente com a Espanha e França, mas isso também fez as partes gaélicas do país, O’Donnell supostamente foi chamado de o rei do peixe pelos espanhóis. Em relação à

⁴ Ver: ELLIS, S. Frontiers and Power in the Early Tudor State. *History Today*, April 1995, 45, 4.

⁵ Ver: MULDOON, J. *Identity on the Medieval Irish Frontier: Degenerate Englishmen, Wild Irishmen, Middle Nations*. Gainesville, FL: University of Florida Press, 2003.

⁶ LEE, W. *Barbarians and Brothers: Anglo-American Warfare, 1500-1865*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

esfera das idéias, há evidências consideráveis de que a Irlanda gaélica não foi isolada dos debates intelectuais europeus. Durante a Guerra dos Nove anos, Hugh O'Neill foi bastante influenciado pela Teoria da Resistência, teoria essa que fora notadamente utilizada pela Liga Católica contra Henri de Navarra.⁷ Também é importante ressaltar aqui que, em 1600, ele produziu uma lista de exigências, descartada como utópica pelos governantes ingleses. Essas demandas incluíam plena liberdade religiosa, de uma forma muito mais abrangente do que a incluída na Bill of Rights que seguiu da assim chamada Revolução Gloriosa. Na verdade, o que exigiu O'Neill em 1600 só seria realmente alcançado em 1829 com a Emancipação Católica.

A Irlanda na década de 1590: um puzzle de senhorios

Os senhorios (*lordships* em inglês) eram centrais na Irlanda gaélica e gaelicizada. Eram a unidade política básica - na verdade, os condados irlandeses atuais em parte ainda correspondem aos senhorios dessa época. Do mesmo modo que a sociedade gaélica, eram dinâmicos, palco de transformações constantes e de tentativas de dissimular as novidades. É possível identificar uma certa hierarquia dos senhorios. Na década de 1590, no topo estava o que se poderia denominar senhorios 'provinciais', tais como o dos O'Neill de Tyrone, o dos O'Donnell de Tirconell, o dos MacCarthy em Cork e Kerry, o dos O'Brien de Thomand e o dos Butler de Ormond. Embora este último fosse provavelmente o mais anglicizado dos senhorios - o Conde de Ormond era primo da Rainha Elizabeth -, em boa medida funcionava como um senhorio gaelicizado. Abaixo desses, havia uma faixa de senhorios de médio porte. Alguns, como o dos MacWilliam (como os Burke eram chamados), tinham sido mais poderosos no passado mas haviam decaído por uma série de motivos. Outros, tais como o dos Maguire em Fermanagh, o dos O'Reilly em East Breifne e o dos MacMahons em Oriel haviam sido disputados por senhorios mais poderosos ou, tal como o dos Clondeboy O'Neill, derivado de um senhorio poderoso. Abaixo destes, havia uma quantidade bem maior de pequenos senhorios, tal como Fewes, Kilwarin, Iveagh e Killultagh no sudeste do Ulster. Muitos deles tinham importância estratégica; com frequência, como no caso destes pequenos senhorios do Ulster, constituíam uma zona de proteção entre o Pale inglês e o senhorio dos O'Neill de Tyrone.

Essencialmente, os senhorios gaélicos buscavam preservar o mais possível sua autonomia, tentando equilibrar as exigências dos senhorios mais poderosos e do governo inglês, com frequência procurando jogar um contra o outro. O sucesso - ou, mesmo, a sobrevivência do senhorio - dependia de uma miríade de fatores. Um dos mais significativos era a *virtú*, a perspicácia política, do lorde. O sistema sucessório gaélico, no qual, teoricamente, qualquer membro de um grupo de parentesco alargado podia ser 'eleito' lorde - embora o número de candidatos com possibilidade efetiva na prática fosse pequeno -, contribuiu para o dinamismo dos senhorios, ao ajudar a garantir que o lorde sucessor teria algumas habilidades de liderança. Apesar da violência ser relativamente frequente em épocas de sucessão, tratava-se de uma violência contida, que afetava poucas pessoas. No núcleo do sistema de senhorios estava a concepção gaélica, ultra-realista e *avant la lettre*, de poder e de soberania. O poder não era absoluto. Ao invés, envolvia, com mencionado antes, deveres importantes, o principal dos quais era a proteção aos que haviam aceitado o senhorio. Se esta proteção não era oferecida, fosse por Maguire, O'Neill de Tyrone ou pelo Vice-Rei, o senhorio estava em boa

⁷ MORGAN, H. 1994. Faith and Fatherland or Queen and Country? An Unpublished Exchange Between O'Neill and the State at the Height of the Nine Years War. *Dúiche Néill*, 1994.

medida vazia, sendo permitido ao lorde em questão transferir sua lealdade (e posteriormente transferi-la de volta quando as circunstâncias mudassem).

Os senhorios gaélicos são um tema fascinante, que infelizmente não posso aqui abordar muito mais. Contudo, antes de prosseguir, gostaria de chamar atenção para uma dimensão teórica interessante. No final do século XVI e boa parte do XVII, os pensadores políticos ingleses debateram intensamente sobre a natureza do poder e os limites que poderiam ou não ser impostos ao poder principesco. Um dos 'instrumentos' a que se recorreu nessa discussão foi o contrato social, em particular em Hobbes e Locke. Tanto quanto saiba, esta construção teórica nunca foi aplicada à Irlanda gaélica. Todavia, considero que o conceito gaélico de senhorio e soberania representava uma forma de contrato social, com correspondência direta na vida política que existia, diferentemente da construção característica dos teóricos ingleses. Se um lorde gaélico não protegia os que haviam aceito sua suserania, ou mesmo os que trabalhavam suas terras, estes podiam desertá-lo. Lordes inferiores podiam buscar novos lordes maiores, trocando O'Neill por O'Donnell, ou até mesmo o governo, enquanto os camponeses podiam fugir para outro lorde, uma vez que na Irlanda gaélica a terra era abundante mas não o trabalho. É interessante, embora não surpreendente, observar que nenhum teórico inglês olhou para a Irlanda gaélica em busca de referentes positivos. Escritores, como Spenser ou Davies, que escreveram sobre a Irlanda estavam mais preocupados em justificar a conquista inglesa e sua cadeia de horrores. Apesar da proximidade geográfica da Irlanda e da Inglaterra, e dos laços entre os dois países, os habitantes gaélicos da Irlanda (na verdade também da Escócia) eram desconsiderados, vistos como selvagens que nada tinham de interessante a oferecer. Por exemplo, como já referido, em 1600 Hugh O'Neill apresentou uma lista de propostas sobre como a Irlanda devia ser governada, pedindo liberdade de religião e autonomia. Foram imediatamente rejeitadas mas eram propostas bem mais avançadas do que as da assim chamada Revolução Gloriosa, que, na Irlanda, resultou na perseguição e privação dos direitos da maioria da população. Na verdade, nos trabalhos de Locke e outros teóricos ingleses, os irlandeses (gaélicos) são um não ser, um vazio. Embora tivessem sido parte da entidade política inglesa, tornados seus súditos em 1534, para a vasta maioria dos escritores ingleses, mais do que ignorados, parecem não haver existido. Do mesmo modo, estes escritores eram cegos para a discriminação dos católicos na Irlanda e, talvez mais significativamente, para as imensas mudanças que ocorriam na propriedade da terra, que da forma mais gritante iam contra os direitos de propriedade defendidos por Locke, entre outros.

Identities Irlandesas no Final do Século XVI

Em trabalhos sobre a Irlanda no século XVI (e boa parte do XVII) normalmente se divide a população em três grupos: irlandeses gaélicos, antigos ingleses e novos ingleses. Assume-se implicitamente que estes grupos fossem rígidos e excludentes. Todavia, na realidade eram dinâmicos, fluídos e havia considerável superposição. Os condes de Clanricard são exemplo disso. Descendentes da família normanda De Burgo, estavam entre os mais gaelicizados dos lordes antigos ingleses. Não obstante, Richard Burke, o quarto conde, lutou no lado inglês em Kinsale, casou-se com uma rica herdeira inglesa, tornou-se membro da corte da Inglaterra no período Stuart e Conde de St. Albans; além de ser o único católico a deter um cargo administrativo. Outro exemplo é Hugh O'Neill – cuja avó era da Casa de Kildare, foi criado pela família de novos ingleses (ou, só para confundir ainda um pouco mais, de velhos novos ingleses) dos Hovenden e também manteve diversos contatos com várias famílias de antigos e novos ingleses.

Estas interconexões de grupos ‘étnicos’ no topo da hierarquia social eram sem dúvida repetidas através da sociedade irlandesa. Mesmo dentro do Pale, o núcleo forte dos ‘irlandeses ingleses’ [‘English Irish’], vários camponeses eram gaélicos. Spenser queixava-se das amas-de-leite gaélicas, responsáveis pela corrupção dos antigos ingleses. Os novos ingleses tampouco permaneceram imunes: muitos se casaram com membros de famílias gaélicas e de antigos ingleses. O próprio Hugh O’Neill foi criado por um tempo, como se disse, pela família de novos ingleses (mas católicos) - mais uma ilustração das múltiplas sutilezas do século XVI irlandês - dos Hovenden e Henry Hovenden, desta família, tornou-se um dos confidentes mais próximos de O’Neill, acompanhando-o no exílio. Outro exemplo interessante, especialmente em vista do medo de ‘corrupção’ que parecia ser comum sobretudo entre os novos ingleses, em particular entre os inclinados ao calvinismo ou ao puritanismo, era a gaelicização de alguns (talvez de muitos na verdade) soldados. Um dos casos mais evidentes é o de Capitão Thomas Lee, que se fez retratar em trajes gaélicos e se casou com uma mulher gaélica. Esse temor era particularmente forte entre os novos ingleses, evidenciado na sua crítica aos antigos ingleses - a afirmação de não-anglicidade destes últimos, de sua *queda*, de certa forma -, de que os antigos ingleses haviam sido corrompidos pelos irlandeses gaélicos. Ao invés de se manter à parte dos irlandeses gaélicos, os antigos ingleses haviam adotado os costumes e a cultura irlandeses, tinham se casado com gaélicos irlandeses e muitos até falavam irlandês. Implícita neste argumento estava a idéia de algo sedutor na sociedade gaélica, sedução que fora a causa da *queda* dos antigos ingleses e algo com que, portanto, os novos ocupantes tinham que ter muito cuidado. Todavia, vários novos ingleses ainda se casavam com membros de famílias de antigos ingleses e até gaélicas, esmaecendo ainda mais as fronteiras “étnicas” da época.

Ao mesmo tempo, também havia sinais de emergência de uma nova irlandecidade católica. Isto ficou patente durante a Guerra do Nove Anos, O’Neill recorrera a uma ideologia de fé e pátria, com isso tentando (a maior parte do tempo sem sucesso) atrair o apoio dos antigos ingleses. Isto estava claramente sintetizado nas demandas que apresentou em 1599-1600, onde essencialmente apelava por liberdade religiosa para a Irlanda e por o país ser governado por irlandeses (católicos). Embora O’Neill fosse derrotado, a ideologia a que tentou recorrer durante a guerra acabou, a longo prazo, por ganhar ampla adesão.

A derrota de Hugh O’Neill na guerra resultou na destruição dos senhorios gaélicos autônomos. Todavia, embora os sistemas políticos gaélicos tivessem sido destruídos e o país sofrido um processo de anglicização, a igreja do Estado não conseguiu tornar-se aceita pela maioria da população. Ao contrário, a Igreja Católica, apesar dos vários problemas com perseguições e com o governo, estava fortemente empenhada na reconstrução e reforma do catolicismo irlandês, em novos moldes tridentinos.

A Guerra dos Nove Anos: esperança e derrota

Na década de 1590, a Irlanda e a Inglaterra foram radicalmente abaladas por uma guerra que alterou os rumos que estes Estados seguiriam, e, de fato, sem muito exagero, o futuro do mundo. O guerra dos Nove Anos não é bem conhecida fora da Irlanda. Na Inglaterra, é julgado como Rebelião de Tyrone, mas foi bem mais do que uma rebelião. A Confederação Gaélica, construída por Hugh O’Neill, (Conde de Tyrone e líder dos O’Neills, o mais poderoso gaélico clã), provou ser o adversário mais difícil Elizabeth teve de enfrentar. A Guerra dos Nove Anos foi o desafio mais grave que Elizabeth I enfrentou na Irlanda. Além de prejudicar sua reputação na Europa e exaurir o tesouro, a intervenção da Espanha ajudou a transformar uma rebelião local numa guerra de grandes proporções, uma ameaça potencial à

Inglaterra. Ironicamente, esta guerra acabou por desempenhar um papel fundamental na formação do Estado tanto na Irlanda como na própria Inglaterra. Os ingleses iriam ganhar, mas apenas devido à sorte e pelo enorme custo (custo esse que seria pago finalmente na década de 1640). No entanto, é uma guerra que a confederação gaélica chegou muito perto de vencer. A derrota de Hugh O'Neill e sua fuga para a Europa em 1607 levaram ao fim da destruição das estruturas políticas e sociais da Irlanda Gaélica. Isso também contribuiu para o rompimento do *Gaeltacht*, assim como a Irlanda e a Escócia Gaélicas seguiram caminhos diferentes. Ironicamente, a adesão de James da Escócia ao trono Inglês (e, assim, tornando-se também rei da Irlanda), serviu para minar ainda mais a unidade gaélica.

Irei analisar a Guerra dos Nove Anos (1594-1603) como um bom exemplo do dinamismo da sociedade gaélica. É um dos períodos chave na história irlandesa moderna. O que começara como uma rebelião local transformou-se numa guerra que engolfou a ilha toda e também se tornou parte da luta entre Espanha e Holanda e seus aliados. Além disso, essa realmente provocou uma maior ameaça ao regime elizabetano do que a Guerra da Espanha. Em parte, isto foi fruto da *virtú* de Hugh O'Neill, Conde de Tyrone, cuja hábil manipulação das divisões no governo, do faccionalismo da corte, da proverbial falta de vontade da rainha em gastar dinheiro e da situação internacional acabaram por se constituir no desafio mais sério que Elizabeth enfrentou na Irlanda. Um desafio a que se deve considerar que ela não conseguiu responder, não obstante a vitória militar, em função dos efeitos desestabilizadores desta vitória, que, num certo plano, permanecem até hoje. Todavia, o sucesso de O'Neill na magnificação do que estava em jogo na guerra, através do recurso a uma ideologia de fé e pátria - que destacava o espinhoso tema da liberdade religiosa - e da conquista do apoio da Espanha também seria em boa parte responsável por sua derrota. A aliança com a Espanha fez com que bem mais do que apenas a Irlanda estivesse em jogo, que o futuro da Inglaterra passasse a estar na balança. O sucesso de O'Neill teria representado uma grave ameaça à subida ao trono de James I, já que a filha de Filipe II, a infanta Isabella, também era pretendente ao trono. Além disso, a vitória de O'Neill mancharia a honra de Elizabeth e infligiria estragos a sua reputação internacional. Deste modo, a rainha foi forçada a gastar somas enormes para vencer a guerra - uma guerra para cuja existência sua própria omissão e o faccionalismo da corte tanto tinham contribuído.

A guerra começou essencialmente como uma reação de Hugh O'Neill e outros lordes gaélicos ao avanço do poder inglês no Ulster. Em boa medida, isto foi causado pelas ações individuais de agentes do Estado, que buscavam enriquecer-se e criar seus próprios senhorios - apenas sob outro nome. Os mais importantes destes foram o Vice-Rei FitzWilliam e Marshall Bagenal, o mais empedernido antagonista de O'Neill; mas além deles havia vários capitães e oficiais menores. Apesar dos problemas que causaram - várias rebeliões e uma agitação generalizada -, Elizabeth era extremamente tolerante com suas ações e sua autonomia - em franco contraste com a evidente falta de simpatia em relação às elites locais gaélicas e de ingleses antigos, encarados como lordes 'com poder excessivo' (*overmighty*, na expressão inglesa). Essencialmente, a política de Elizabeth em relação à Irlanda, que lhe sairia muito cara no longo prazo, era ter que lidar e gastar dinheiro com a Irlanda tão pouco quanto possível, preferindo deixar as coisas soltas ao invés de encarar os problemas. Queria, ao mesmo tempo, diminuir o poder dos lordes gaélicos, 'civilizá-los' e preservar a honra dela. A sua política para a Irlanda (se é que se pode usar esse termo) era uma massa de contradições, o que teve papel direto na guerra. Nesse sentido, Elizabeth pode em grande parte ser responsabilizada pela guerra.

O medo de um Estado crescentemente invasivo (com frequência na pessoa dos representantes do governo) levou à criação da Confederação Católica por Hugh O'Neill e outros lordes gaélicos. O'Neill desejava preservar (e até fortalecer) sua base de poder no Ulster. Inicialmente, queria demonstrar ao governo que sem ele a província seria ingovernável, o que fez produzindo tumultos no Ulster inteiro, bem como em partes de Connaught e Leinster. Assim, os primeiros anos da guerra consistiram em longas séries de negociações intercaladas por batalhas ocasionais e por constantes ataques-surpresa e perseguições. Ao longo deste período, o poder de O'Neill - e a Confederação - expandiram-se consideravelmente, e Elizabeth viu-se forçada a gastar mais e mais com a Irlanda, em especial depois que suas forças sofreram uma série de revezes embaraçosos. Apesar disso, ela sistematicamente evitou assumir medidas a mais longo prazo que poderiam ter acalmado a situação na Irlanda. Ao invés, ao tentar evitar definir um curso de ação e efetuar gastos, o seu governo no essencial se reduziu a reagir aos acontecimentos - no mesmo passo em que seus agentes estavam livres para piorar a situação.

A inépcia de Elizabeth (apesar de seu persistente retrato positivo na historiografia, inépcia é o melhor termo para descrever seu reino no que toca à Irlanda) e a *virtú* de O'Neill permitiram à Confederação dominar rapidamente a maior parte do Ulster e dar uma lição aos elizabetanos sobre a verdadeira natureza da guerra. Em 1595, as forças de O'Neill infligiram um revés humilhante ao exército do governo sob comando de Marshall Nicholas Bagenal em Clontibret. Nos anos seguintes, vários oficiais sêniores aprenderiam duras lições na guerra irlandesa. John Norris, um dos mais reputados e experientes soldados de Elizabeth, para além de descobrir o quão difícil e humilhante era lutar contra O'Neill, descobriria também a causticidade envolvida na luta de facções que começava a devorar a corte em Londres e que tinha seus ecos em Dublin. Esgotado com tudo isto, ele morreria na Irlanda, assim como seus irmãos. Lord Burgh, Vice-Rei da Irlanda em 1597, foi outro para quem a guerra na Irlanda se mostrou algo excessivo. Cheio de fanfarronice, lançou uma campanha contra O'Neill que naufragou quando O'Neill se recusou a lutar nos termos de Burgh. Após alguns poucos meses na Irlanda, na busca da sempre evanescente batalha decisiva, Burgh também adoeceu e morreu.

Negociações e lutas alternaram-se nos primeiros anos da guerra. Embora as demandas dos confederados tenham se intensificado gradualmente, os negociadores do governo não deixaram de se sentir chocados quando O'Neill exigiu tolerância ao catolicismo e liberdade de religião em 1595. Os bárbaros irlandeses gaélicos haviam solicitado demais. Apenas no século XIX isto seria concedido. Não obstante, ao rodear este assunto, em maio de 1596, parecia que se chegaria à assinatura de um tratado de paz. A intervenção da Espanha arruinou esta possibilidade de tratado, o qual provavelmente teria vida curta. Todavia, a prometida ajuda espanhola nunca se materializou. Frotas espanholas foram aprontadas mas houve deslocamento para outros lugares ou destruição por tempestades. Mais negociações se seguiram, intercaladas com lutas (que, apesar das presunções dos comandantes ingleses de terem ganho grandes batalhas, nunca parecem ter levado a obter nada).

Em agosto de 1598, isto mudou. O principal exército inglês, sob comando de Bagenal, foi desbaratado na batalha de Yellow Ford e a Confederação de O'Neill varreu o país, aniquilando em poucos dias a *plantation* de Munster. O domínio inglês nunca parecera tão fraco na Irlanda. Um favorito de Elizabeth, o Conde de Essex, foi enviado para a Irlanda com um enorme exército - na verdade um dos poucos eventos históricos que constam das peças de Shakespeare. Poucos meses após, Essex retornava à Inglaterra. O tratado de paz que levava

consigo não seria suficiente para restaurar a sua abalada relação com a rainha; terminaria com sua execução.

Lord Mountjoy foi despachado no lugar de Essex. Parecia ter a habilidade de vencer que Elizabeth precisava, à medida que a Confederação sofreu derrotas em várias partes da Irlanda. Todavia, em 1600, em Moyry Pass, e, de novo, em 1601, na Campanha de Blackwater, foi incapaz de derrotar O'Neill. Apesar da vasta quantidade de homens e recursos que Elizabeth precisou colocar no país, O'Neill foi capaz de guardar-se das forças do governo. Contudo, no processo tornou-se dependente do apoio da Espanha, de onde recebeu tanto dinheiro como armamento. Para alcançar vitória - que agora significava muito mais do que a mera preservação de seu território - precisaria contar com tropas espanholas. Várias vezes tais tropas foram prometidas, mas necessidades mais urgentes sempre resultaram em seu envio a outros lugares. Por fim, em setembro de 1601, uma pequena força foi mandada à Irlanda. As tropas desembarcaram em Kinsale, no sul da Irlanda, distante da base de O'Neill no Ulster. Após tentar sem sucesso que os espanhóis se dirigissem para o norte, O'Neill marchou para o sul no meio do inverno. O exército do Lord Deputy Mountjoy, que fazia cerco aos espanhóis, foi por seu turno cercado e sofreu enormes perdas, quase 6.000 homens. Diante da insistência dos espanhóis, contra sua vontade, O'Neill entrou em batalha. O resultado foi um fiasco. O exército de O'Neill, lutando em território praticamente desconhecido, foi desbaratado e o núcleo de suas forças destruído. Embora a guerra tenha continuado por mais quinze meses, esta batalha marcou o fim efetivo do poder dos senhorios semi-independentes na Irlanda e o começo do fim da cultura gaélica, bem como garantiu que James da Escócia não seria contestado quando reclamasse o trono da Inglaterra. Também de fato abriu caminho para que a Inglaterra se “desligasse” do viés continental, perseguido pelos monarcas ingleses desde a conquista normanda, e adotasse uma orientação mais voltada para o “Ocidente”, o Novo Mundo, Ásia e África, a partir da “colônia” Irlanda - começando a pavimentar o caminho para o Império Britânico. A Batalha de Kinsale pode, assim, ser encarada como uma das batalhas chave do início da Era Moderna, não apenas para a Irlanda ou a Inglaterra, mas também para a Europa e, na verdade, até para o mundo.

O Renascimento Gaélico e a construção de uma nova identidade irlandesa

Ao mesmo tempo, a cultura gaélica experimentou um renascimento. Curiosamente, em boa medida isto ocorreu fora da Irlanda, nos colégios irlandeses que haviam sido estabelecidos para educar os irlandeses católicos no continente e entre as comunidades de exilados, estudantes e soldados irlandeses que brotavam nos Países Baixos espanhóis e em outras partes da Europa. Este renascimento baseava-se numa combinação de várias linhas. Uma era de feição antiquária, tentando preservar o antigo passado gaélico através da escrita de novas histórias do passado irlandês, tais como os *Anais* dos Four Masters e Lughaidh Ó Cléirigh. Ao mesmo tempo, havia preocupação com modernizar e civilizar este passado (e, por extensão, o presente gaélico), contra as calúnias de escritores ingleses e de outros lugares da Europa, com mostrar que os irlandeses gaélicos eram efetivamente cristãos e civilizados. Embora um número considerável de escritores possa ser incluído nesta categoria, o melhor exemplo é Geoffrey Keating e seu *Foras Feasa Ar Éirinn*⁸. É comum a tais trabalhos uma importante tarefa política e ideológica: a afirmação de uma *natio* católica.

⁸ KEATING, Geoffrey. *Foras Feasa ar Éireann: The History of Ireland*. Dublin and London: Irish Texts Society, 1902-14.

É possível que o efeito mais importante deste movimento - se é que podemos chamá-lo movimento - tenha sido o cunhar da primeira palavra para irlandês na língua gaélica. Anteriormente, os irlandeses gaélicos (para o que não existe até hoje um substantivo adequado na língua inglesa) referiam-se a si próprios como os *Gaeil* e distinguiam os vários tipos de estrangeiros. Os antigos ingleses eram os *Sean-Ghaill* e os mais recém chegados os *Nua Ghaill*. Agora, os antigos ingleses e os gaélicos irlandeses foram unificados sob a nova rubrica, ao passo que pessoas que anteriormente seriam gaélicas - como escoceses falantes de irlandês - passaram a estar excluídas da categoria. Um fenômeno análogo ocorria com a 'anglicidade' - a anglicidade dos antigos ingleses (e descendentes de ingleses no que haviam sido possessões inglesas na França) era negada e eles eram rotulados de (católicos) irlandeses. Ironicamente, esta nova definição de anglicidade haveria de também negar aos novos ingleses sua pretensão de serem ingleses.

Para além das comunidades acadêmica e religiosa, também havia no continente uma comunidade significativa de *emigrés* gaélicos. Consistia na sua maior parte de soldados dos vários terços irlandeses a serviço do exército espanhol - bem como de suas mulheres e famílias. Muito embora incluísse tanto irlandeses gaélicos como antigos ingleses, os irlandeses gaélicos tendiam a ter maior importância, com os pretendentes aos condados de Tyrone e Tyrconnell tendo seus próprios terços. É provável que vários irlandeses a serviço do exército espanhol houvessem estado em contato com as idéias do renascimento gaélico, bem como com as da Contra Reforma⁹.

Na Inglaterra, a formação de uma nova identidade nacional seguiu um processo muito semelhante ao da Irlanda. Na verdade, ao menos em certa medida, as novas identidades podem ser encaradas como imagens especulares uma da outra. Ao passo que na Irlanda o que emergiu durante o século XVII foi uma irlandecidade católica, na Inglaterra tratou-se de uma anglicidade protestante. Em ambos os Estados, isto envolveu novas definições de quem estava incluído e quem estava excluído. Na Irlanda, os escoceses gaélicos estavam fora. Os clãs e sub-clãs (a categoria normalmente utilizada para estes últimos é *septs*) das terras altas e das ilhas, que partilhavam da mesma cultura da Irlanda gaélica, eram colocados à parte do novo marco insular e religioso de irlandecidade, muito embora isto envolvesse romper com o *Gaeltacht* (área cultural gaélica) que existia anteriormente. Na Inglaterra, aqueles ingleses nascidos fora da Inglaterra - em áreas inglesas da Irlanda e de Calais -, na sua maioria católicos, eram excluídos da definição de anglicidade¹⁰. Esta nova definição de anglicidade foi bastante contestada, inclusive de forma veemente pelos antigos ingleses da Irlanda que tentaram manter viva sua associação com a categoria. Seu esforço, todavia, não teve sucesso. A partir de finais do século XVI, os antigos ingleses passaram a ser comumente descritos como tendo caído, degenerados para algo até inferior aos gaélicos irlandeses. Spenser talvez seja o mais eloquente e bem conhecido defensor desta crença. Para além disso, a emergência de uma nova identidade irlandesa católica, baseada na fusão dos irlandeses gaélicos e dos antigos ingleses, era em certa medida interdependente do crescimento da nova identidade protestante inglesa. Assim, quanto mais irlandeses menos ingleses se tornavam os antigos ingleses.

⁹ É, aliás, de certa forma irônico que seja muito mais fácil ouvir a voz da Irlanda gaélica nas histórias sobre a Flandres espanhola do que na própria Irlanda durante este período.

¹⁰ Vale reparar que, apesar da formação das identidades nacionais inglesa e britânica ser objeto de várias discussões, este aspecto em particular é raramente levado em consideração - exceto por historiadores irlandeses ou baseados na Irlanda, com destaque para Steven Ellis.

Conclusão

Apesar da autonomia política e militar dos senhorios gaélicos na Irlanda ter durado até 1603, e da rendição de Hugh O'Neill - uma derrota repetida nas décadas de 1640 e 1690 -, na Escócia eles duraram até a derrota em Culloden - e das suas consequências brutais. Como resultado, no início do período Romântico, o mundo gaélico tinha sido esmagado, destruído, com os seus restos marginalizados. No início do próximo século, na Escócia, no entanto, os herdeiros daqueles que impiedosamente teriam destruído a Escócia Gaélica já estavam reivindicando a sua memória e reinventando-a, ou melhor, reinventando-a numa uma versão bem cafina, com *kilts* e *tartan*, que dura até hoje. Na Irlanda, essa apropriação da memória gaélica pela nova classe dominante, a Ascendência, realmente não ocorreu. Talvez porque a espera inglesa/britânica sobre a Irlanda era de uma forma mais instável do que na Escócia, devido à nova identidade católica irlandesa, que surgiu no século XVII. No século XIX, e depois, com o surgimento do nacionalismo, essa identidade reivindicou o passado gaélico, agora visto através de óculos igualmente coloridos, em que o mundo gaélico, no rescaldo da invasão normanda, foi reduzida a uma luta de irlandeses contra ingleses. Personalidades e acontecimentos que não puderam ser instalados em esta dualidade foram ignorados (ou deturpados). Isso pode ser facilmente visto em quão facilmente Hugh Roe O'Donnell (pelo menos a figura retratada na biografia hagiográfica de Lughaidh Ó Clerigh) poderia se encaixar no cânone nacionalista irlandês dos séculos 19 e 20, que, ao mesmo tempo lutava para compreender e encontrar um lugar adequado para o muito mais complexo e importante Hugh O'Neill.

Além disso, primeiramente na Irlanda – depois, na Escócia, com um processo semelhante se repete no País de Gales e, mais recentemente, na Bretanha e Galícia -, a memória histórica que foi apropriada pelos movimentos nacionalistas não era a de uma Irlanda Gaélica ou de uma Irlanda Céltica. Além disso, apesar do valioso trabalho realizado no início do século XX, como por exemplo o trabalho de MacNeill, no início do período gaélico na Irlanda (ou como foi chamado *Early Christian Ireland*), não houve qualquer tentativa de analisar criticamente como a Irlanda Gaélica mudou entre, digamos, do século V ao final do século XVI. De alguma maneira, foi assumido que o que foi escrito sobre os reis Uí Néill de Aileach dos séculos V, VI e VII foi igualmente válido para seus descendentes, os O'Neills de Tyrone, nos séculos XIV, XV e XVI, e que o mudança para o oeste em Tyrone, o surgimento de novas tecnologias, o surgimento de novos agentes históricos - Vikings, Normandos, Ingleses, Espanhóis - ou qualquer outro evento histórico teve um impacto nessa atemporalidade, ou melhor, nesse eterno estado de não-desenvolvimento. O que eu acredito é diferente. A Irlanda Gaélica, no século XVI, pode ter sido subdesenvolvida em comparação com a Inglaterra e com o núcleo da Europa Ocidental, mas há razões para isso. Mas não foi suspensa fora do tempo social. A Irlanda Gaélica esteve totalmente em contato com as mudanças em curso na Europa, a Renascença, a Reforma, a Contra-Reforma - e as idéias anteriores também. A sociedade gaélica era dinâmica. Só porque ela foi derrotado e porque o caminho alternativo histórico que lhe foi oferecido não foi seguido, não é motivo para tratá-la como bárbara, selvagem, ou até pior do que isso. Espero que no breve tempo que me foi permitido eu tenha conseguido demonstrar isso.

BIBLIOGRAFIA

ELLIS, S. *Tudor Frontiers and Noble Power: The Making of the British State*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

ELLIS, S. Frontiers and Power in the Early Tudor State. *History Today*, April 1995, 45, 4.

KEATING, G. *Foras Feasa ar Éireann: The History of Ireland*. Dublin and London: Irish Texts Society, 1902-14.

LEE, W. *Barbarians and Brothers: Anglo-American Warfare, 1500-1865*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

MORGAN, H. Faith and Fatherland or Queen and Country? An Unpublished Exchange Between O'Neill and the State at the Height of the Nine Years War. *Dúiche Néill*, 1994.

MORGAN, H. Tom Lee: The Posing Peacemaker. In: BRASHAW, B., MALLEY, W., HADFIELD, A. (eds.) *Representing Ireland: Literature and the Origins of conflict, 1534-1600*, 1993, p. 132-65.

MULDOON, J. *Identity on the Medieval Irish Frontier: Degenerate Englishmen, Wild Irishmen, Middle Nations*. Gainesville, FL: University of Florida Press, 2003.

MYERS J. Murdering Heart... Murdering Hand: Captain Thomas Lee of Ireland, Elizabethan Assassin. *The Sixteenth Century Journal*, p. 47-60, 1991.